

Educadas no Trabalho: Retratos da Formação das Operárias Brusquenses (1957-1999)

Alex Branga y Samara Mendes Araújo Silva⁽¹⁾

Resumo: Este estudo investiga a formação de mulheres para a indústria têxtil, centrando-se na atuação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, em Brusque/SC (1957–1999), sob a ótica da História da Educação Profissional Feminina. O objetivo é analisar como a instrução técnica operava como um dispositivo de disciplinarização, moralização e feminização do operariado, transcendendo o ensino operacional. Utiliza-se como fonte primordial o acervo fotográfico institucional, abordando as imagens como artefatos culturais carregados de intencionalidades políticas e sociais. A fundamentação teórica baseia-se na História da Educação, na análise visual (Kossoy, Burke, Santaella), e, na cultura material escolar (Viñao Frago, Souza), além da perspectiva de Certeau sobre lugar, espaço, estratégias e táticas. Os resultados indicam que, enquanto o SENAI buscava moldar a operária ideal sob o ritmo taylorista, utilizando máquinas e manuais como agentes pedagógicos, as fotografias revelam as apropriações das trabalhadoras. Conclui-se que o SENAI de Brusque/SC funcionou como um laboratório de docilização funcional aos interesses da elite industrial, consolidando uma feminilidade operária específica, na segunda metade do século XX, ao mesmo tempo em que as mulheres ressignificavam esse aprendizado em seu cotidiano.

Palavras-chave: trabalho feminino - educação profissional - gênero - fotografia - história da educação

[Resúmenes en inglés y español en la página 116]

(1) Ver CV en pág. 117

Introdução

Localizado no Vale do Itajaí-Mirim, Brusque é um município do estado de Santa Catarina no sul do Brasil. Um território que se constituiu marcado pela imigração europeia durante o século XX, e, reconhecido como um dos principais polos têxteis do país, segmento detentor da massiva presença feminina nas linhas de produção das fábricas.

O papel desempenhado pela mulher nessa região, desde o início da colonização, foi de força de trabalho, seja no ambiente doméstico, na lavoura ou na prestação de serviço como meio de auxiliar a família no orçamento. Com o processo de transição da agricultura para a industrialização, esta mulher foi chamada para ocupar funções no “chão da fábrica”, o que consequentemente mudou a economia local e a identidade feminina brusquense, enquanto sujeito economicamente ativo.

Durante o cenário de expansão da indústria têxtil e de frequentes greves operárias, na década de 1950, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI se estabelece em Brusque/SC, no ano de 1957¹.

Inicialmente como uma Agência de Treinamento e sem estrutura própria para o ensino, a instituição atuava em Brusque/SC nos espaços das indústrias, na formação de supervisores, na organização de cursos operacionais e na orientação para aprendizagem do menor aprendiz, jovens de 14 a 18 anos que trabalhavam na fábrica².

Analisando a trajetória de estabelecimento, em 1957, do SENAI em Brusque/SC, até a implantação dos cursos de ensino superior, em 1999, (recorte final desta pesquisa), representou tanto uma resposta à demanda das indústrias por uma mão de obra qualificada e disciplinada, conforme os interesses dos industriais da época, quanto uma ferramenta de controle do movimento operário e de oportunidades sociais para o trabalhador.

Para Moser (1985), a inserção da mulher na indústria não foi um movimento de ruptura total, mas uma reconfiguração de papéis em que a disciplina presente no ambiente familiar, fosse remodelada para garantir a produtividade nas fábricas. Atraídas pelo ganho financeiro, como forma de auxiliar a família ou poupar para o enxoval do casamento, e, amparadas por um discurso de ambiente familiar aceito pela sociedade, a mulher é contratada nas indústrias e direcionada para trabalhos que exigiam atenção e funções entendidas como femininas, como a costura (Moser, 1985; Hering, 1995). Ao alinhar o desenvolvimento técnico às expectativas sociais sobre o comportamento feminino, a educação profissional em Brusque/SC consolidou um modelo de operária que era, simultaneamente, eficiente na produção e submissa à hierarquia social vigente.

Para a compreensão da formação feminina no ambiente de trabalho, esta pesquisa utiliza como fonte principal as imagens do acervo do SENAI de Brusque/SC. Segundo Kossoy (2001), a fotografia é um fragmento de espaço e tempo produzido com intenções em um determinado contexto, portanto ao analisar uma imagem é preciso considerar sua produção conforme o lugar histórico, social e econômico no qual foi produzida e idealizada sobre o real.

Imagens nos permitem imaginar o passado de forma mais vivida.... Embora os textos também ofereçam indícios valiosos, imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais nas vidas religiosa e política de culturas passadas.... imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular. (Burke, 2004, p.17)

Assim, as fotografias presentes neste estudo não são tratadas como ilustrações sobre a aprendizagem, mas sim artefatos culturais que guardam as intenções da instituição que

a produziu, um recorte que visa cristalizar ordem e competência técnica aos olhos dos interessados. Nesse sentido, as análises aqui realizadas não ignoram as limitações do suporte fotográfico. Como adverte Burke (2004), é preciso reconhecer as fragilidades da imagem, compreendendo que a imagem atua como um indício de acontecimentos. A fotografia não é o evento em si, mas um vestígio selecionado que aponta para um fragmento do tempo que existiu, embora sob um determinado ângulo. Santaella (2012) afirma que as imagens são representações visuais, produzidas em um determinado contexto e com múltiplas camadas de tecnologias, suportes, técnicas, mas principalmente, significados.

Desta forma, é preciso percorrer os campos da imagem, e, considerar todos os elementos, inclusive a espacialidade, no qual a compreendemos como componente estruturante no processo de ensino, e, também, controle dos corpos e comportamentos das operárias. Segundo Viñao Frago (2008), a cultura escolar constitui-se em uma conexão indissociável entre o espaço físico e as práticas de ensino-aprendizagem.

Para tal, faz-se necessária a distinção entre lugar e espaço. Conforme Michel de Certeau (1994), lugar implica estabilidade, ordem. Em contrapartida, o espaço é praticado social e culturalmente, se configura em movimentos e mobilidade dos sujeitos historicamente constituídos. Enquanto industriais, proprietários das pequenas fábricas, e, mesmo diretores das fábricas, ocupam um lugar de poder e controle, definindo estratégias, as operárias, ao vivenciarem o espaço de ensino promovido pelo SENAI-Brusque/SC, se apropriam de conhecimentos e habilidades, utilizando-as, por vezes, como táticas para mudar sua trajetória e ascender profissionalmente. A educação profissional, ainda que oficialmente instituída como ferramenta de controle social, há situações em que ela se transforma em instrumento de oportunidades, entretanto estas podem ser percebidas como exceção ao regramento social pelo quantitativo escasso de vezes que ocorre.

Desta forma, o presente estudo tem como objetivo analisar, através do acervo fotográfico institucional, as tensões entre as estratégias de disciplinarização do SENAI de Brusque e as táticas das operárias têxteis, compreendendo como se fabricou uma feminilidade funcional aos interesses industriais da época. Para desenvolver essa reflexão, o presente artigo organiza-se inicialmente na fundamentação da imagem como documento, seguindo para a análise da cultura material das salas de aula e do chão de fábrica, culminando na interpretação das fotografias como registros de um cotidiano da educação feminina.

A Fotografia: representação e testemunha no cotidiano do chão da fábrica

Vestidos impecáveis, cabelos alinhados e sapatos delicados. O som das palmas e as vozes que cantam ao ritmo do acordeom apresentam à sociedade a operária aprendiz ideal: aquela que estuda, celebra a Pátria e honra a empresa. A Figura 1 revela uma cena em que quatro jovens demonstram a internalização de uma conduta. A moça dócil e disciplinada mostra-se aqui como o molde perfeito, pronta para se fundir, com suavidade e harmonia, às engrenagens da indústria brusquense. Essa é a imagem de uma juventude que aprende que o amor à nação e a dedicação ao trabalho são fios do mesmo tecido.



Figura 1.

Aprendizes cantam na Semana da Pátria. Nota. Aprendizes cantam acompanhadas de um homem tocando acordeom. Acervo Fotográfico do SENAI de Brusque, Brusque, SC, Brasil, 1967.

Longe de ser o real, a imagem para a pesquisa histórica é uma fonte primária que revela indícios de um tempo. Como afirma Kossoy (2001) a fotografia é construída e o seu positivo traz consigo o mundo exterior retratado, o olhar do fotógrafo e o suporte tecnológico empregado na obtenção da imagem. Uma realidade selecionada, um fragmento de espaço e tempo que foi imobilizado com intencionalidade. Neste sentido, analisar o cotidiano educativo das operárias têxteis é pensar em uma cena montada conforme a necessidade de uma instituição, que legitime as ações desenvolvidas no emprego de conhecimentos e habilidades para uma qualificação rápida que atenda as indústrias.

O que a fotografia de 1967 (Figura 1) nos mostra é um evento para a Semana da Pátria, uma formação além da esfera técnica, organizada pelo SENAI em conjunto com os responsáveis pelo treinamento nas indústrias, que estava voltada para a moralização e construção da identidade nacional, já que o Brasil nesse período se encontrava sob a ditadura civil-militar³. Nesta imagem, observamos quatro jovens alunas em uma atividade de apresentação de música. À esquerda, um quadro negro com a inscrição “Independência ou Morte! 7/9/1822”⁴, e a palavra “Indústria”. À direita um homem toca acordeom entre duas mesas de madeira, e ao fundo vê-se um armário com materiais dentro e a bandeira do Brasil no alto.

Segundo Santaella (2012) é preciso percorrer todo o campo da fotografia e compreender a construção da representação visual. As imagens do acervo do SENAI retratam a formação técnica e a identidade social da mulher no chão de fábrica e nas salas de aulas. Assim, a fotografia ilustra para a sociedade o papel da mulher e da instituição de ensino profissional, ambas seguindo as vontades de um capital econômico e estruturado. É importante destacar que o currículo dos cursos ofertados pelo SENAI, mesmo nas formações de curta duração, inclui formações cívicas, voltadas ao patriotismo. Essa característica vincula-se ao fato de a instituição ter sido criada em meio a Ditadura do Estado Novo⁵, e, ter se fortalecido e expandido pelo país sob a Ditadura Civil Militar, iniciada em 1964.

A força do registro visual para o historiador, segundo Burke (2004), encontra-se na capacidade de documentar detalhes do cotidiano e práticas sociais que são negligenciados ou

desconsiderados pelos documentos escritos. A análise das fotografias nesta pesquisa explora os detalhes e vestígios presentes em todo o campo da imagem. Para além de descrições, as imagens são tratadas como artefatos culturais que guardam as intenções políticas e econômicas de uma elite industrial que via na educação profissional o caminho para a modernização. Portanto, percebe-se que a fotografia da Semana da Pátria na Indústria Renaux funciona como um manifesto visual da estratégia institucional do SENAI. Mais do que o registro de um momento festivo, a imagem revela o esforço deliberado de fabricar uma operária que harmoniza o civismo com a produtividade têxtil. O que se vê na cena não é o cotidiano do aprendizado, mas a sua idealização: uma feminilidade dócil e disciplinada que, sob o olhar atento da bandeira e ao ritmo do acordeom, aceita o seu lugar como engrenagem fundamental do progresso. A fotografia é um testemunho silencioso de que, para a elite industrial de Brusque naquele período, educar para a fábrica era, acima de tudo, educar conforme os moldes de uma feminilidade bem vista aos olhos da sociedade. Assim, entre o aprendizado de linguagens e cálculos tem-se um laboratório de comportamentos, chamado salas de aula.

O Chão da Fábrica e a Sala de Aula

Se nas festividades o canto ditava o ritmo, no ambiente de trabalho o compasso era outro. Ali não havia o acordeom, apenas a cadência constante das engrenagens das máquinas. Nesse cenário, a sala de aula torna-se o chão de fábrica, onde se deixa o conteúdo teórico para aprender a prática do ofício. Na Figura 2, diferentemente da Figura 1, percebe-se que as cabeças se abaixam, os sapatos delicados dão lugar aos chinelos e os vestidos, agora mais simples, recebem o complemento do avental. As mãos já não batem palmas, mas ajustam minuciosamente os fios de algodão. Todo o trabalho é acompanhado não mais pelo acordeonista, mas pelo supervisor, que observa, ensina, controla o tempo e as aprendizagens, e, registra cada atividade.



Figura 2.

Aprendizes no ambiente de trabalho. Nota. Aprendizess trabalhando na fiação sob a supervisão de um homem. Acervo Fotográfico do SENAI de Brusque, Brusque, SC, Brasil, s.d.

Para entender como as operárias de Brusque/SC eram formadas, precisamos olhar para onde esse ensino acontecia. Ao analisarmos a organização das fábricas em Brusque/SC, os conceitos de lugar e espaço de Michel de Certeau (1994) ajudam a compreender que aquele ambiente fabril não era meramente um “lugar”, uma estrutura fixa e estável em sua finalidade industrial. Ele se tornava um “espaço” justamente por ser praticado, ou seja, deixava de ser apenas o local da produção para se transformar, através da vivência dos sujeitos, em um espaço de ensino.

No início de suas atividades em Brusque/SC, o SENAI não dispunha de um prédio próprio, e, as aulas ocorriam nas indústrias: no chão da fábrica, onde o supervisor ensinava o ofício na prática, nas salas de aula estruturadas ou improvisadas, nas quais os alunos recebiam os conteúdos teóricos, e, nos Centros de Treinamento das próprias empresas. Esses Centros, como mostra a figura 3, eram muito importantes para o desenvolvimento das atividades de ensino do SENAI, porque, além de possuírem salas de aula, contavam com um espaço organizado que se aproximava da realidade do chão de fábrica. O objetivo era que a operária já entrasse na linha de produção com o corpo e a mente acostumados à disciplina e à eficiência que a indústria têxtil exigia.



Figura 3.

Curso de costura industrial no Centro de Treinamento da Renaux. Nota. Aprendizizes em atividade de costura sob a supervisão de uma instrutora. Acervo Fotográfico do SENAI de Brusque, Brusque, SC, Brasil, s.d.

A Figura 3 apresenta a vista interna do Centro de Treinamento da Fábrica Renaux, revelando um ambiente rigorosamente organizado com vinte e duas máquinas de costura industriais aparentes na imagem. Na cena, dezesseis aprendizes ocupam seus postos, mantendo as cabeças baixas em um gesto de concentração absoluta no ato de costurar. A presença da instrutora, que parece circular pela sala e auxiliar uma das moças no ajuste de seu equipamento, personifica a mediação pedagógica e a supervisão da instituição.

Esse registro captura uma transição simbólica e material: a máquina de costura, que era um objeto de desejo e um pilar da economia doméstica feminina (Hering, 1995), é, aqui ressignificada como um instrumento de trabalho em linha de produção. Ao ser incorporada pelo Centro de Treinamento, ela se converte em um objeto da cultura material escolar do SENAI, artefatos que, como defende Souza (2007), são dedicados ao processo de ensino-aprendizagem.

No contexto da educação profissional do SENAI de Brusque/SC, tanto a sala de aula, quanto o ambiente de trabalho configuram-se como espaços de ensino-aprendizagem, nos quais o mobiliário, as máquinas de costura e os manuais técnicos atuam como materiais pedagógicos. Mesmo após a instituição de ensino inaugurar sua sede própria em 1971, com laboratórios de química e física, salas de aula e um auditório, o ensino dentro das empresas nunca deixou de acontecer, ao contrário, essa nova estrutura expandiu a composição da cultura material escolar do SENAI. Conforme propõe Viñao Frago (2008), esses espaços e objetos utilizados no ensino não são apenas acessórios, mas componentes fundamentais de uma cultura escolar que se constitui, e, se consolida por meio das práticas cotidianas.

As Operárias entre Estratégias e Táticas

Da mesma forma que o tecido se torna uma peça de vestuário ao passar pelas mãos da costureira e pela agulha da máquina, a aprendiz do SENAI é transformada em profissional sob o ritmo implacável do cronômetro, instrumento que dita a velocidade do lucro na fábrica. Essa medição minuciosa de tempo e movimento materializa o Taylorismo, sistema baseado no controle rigoroso do tempo e na fragmentação das tarefas para maximizar a produtividade e eliminar movimentos desnecessários, transformando, por fim, a trabalhadora em uma extensão da própria máquina.

O passar dos segundos, até o clique do cronômetro, é o que define o nível da aprendiz. Na figura 4, uma mulher, possivelmente a instrutora, segura o aparelho com firmeza, mantendo um olhar vigilante e fixo sobre a aluna sentada. Esta, de cabeça baixa e inteiramente voltada à tarefa, uma representação do modelo ideal da docilidade operária: um corpo feminino que incorporou a máquina como sua própria identidade técnica. Mais adiante desse núcleo central, a fotografia revela outras seis alunas, enquanto quatro operam suas máquinas, duas permanecem de pé, possivelmente segurando cronômetros devido à posição dos braços, porém com os olhares desviados.



Figura 4.

Controle de Tempo e Supervisão no Ensino de Costura. Nota. A imagem ilustra a aplicação direta dos princípios tayloristas de controle de tempo e movimento no SENAI de Brusque. A instrutora, portando um cronômetro, monitora a execução da tarefa pela aprendiz na máquina. Acervo Fotográfico do SENAI de Brusque, Brusque, SC, Brasil, s.d.

O cenário desse registro (figura 4) é a sede própria do SENAI de Brusque/SC, onde divisórias de madeira delimitam a sala de aula. Ao fundo, no canto direito da imagem, observa-se uma vassoura escorada na parede, vestígio da limpeza do ambiente. Próximo à porta, nota-se um quadro de testes de aptidão visual com as letras “ND RM ETZ”, além de outras que não é possível definir. A presença desse instrumento não é acidental, trata-se de um componente que aponta para os requisitos corporais e de saúde necessários à precisão técnica no trabalho de costura. Ele é um indício de que a adequação social não se limitava ao comportamento moral, mas estendia-se à padronização e à otimização do próprio corpo feminino.

Esteja atento observe tudo o que se desenrola ao seu/ redor. Lembre-se que todo trabalho pode ser melhorado. Procure melhorar o seu. Pergunte sempre. Por que fazer isto e assim? Conheça / desta forma o seu trabalho e conheça-o o melhor possível. Desta maneira você estará em melhores condições de executá-lo corretamente. Nós todos passamos mais de 1/3 de nossa existência em locais de trabalho. Só esta afirmação basta para esforçarmo-nos o máximo possível, a fim de conseguir que o nosso trabalho seja bastante agradável. Lembre-se disto sempre e contribua para o bem-estar do seu ambiente de trabalho. (SENAI, 1970, pp. 19-20)

Este trecho do Manual do Fiandeiro de Algodão, de 1970, funciona como um objeto da cultura material escolar, que traduz, em palavras, a vigilância observada nas imagens. Ao orientar que a aprendiz deve estar “atenta” e a “observar tudo o que se desenrola ao seu redor”, a instituição não busca despertar um senso crítico sobre o trabalho, mas sim uma autovigilância produtiva. A orientação para perguntar “por que fazer isto e assim?” não visa o questionamento da lógica industrial, mas o aperfeiçoamento da execução para que a trabalhadora se torne, por vontade própria, mais produtiva. Notadamente, a retórica do “bem-estar” e do “trabalho agradável” atua como uma ferramenta para convencer a operária de que os ganhos no ambiente fabril são para ela, mas na verdade são para a empresa. Com isso, o SENAI organiza as estratégias dos industriais que buscam anular as possíveis resistências e converter o cansaço do chão de fábrica em um compromisso com a eficiência do trabalho.

A estratégia é o cálculo de quem tem o poder e quer controlar o comportamento das pessoas. O SENAI, como ferramenta estratégica, cria cursos, controla os horários e garante uma disposição das máquinas para que o trabalho seja realizado da melhor forma e claro, transformar a “moça” em uma operária disciplinada e produtiva. As fotos aqui analisadas são o registro visual perfeito dessas estratégias, elas mostram o que a instituição queria que fosse visto: ordem e eficiência.

Chamo de ‘estratégia’ o cálculo de relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável em um ‘ambiente’. Ele postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma

exterioridade distinta. A racionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico. Denomino, ao contrário, ‘tática’ um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distinga o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. (Certeau, 1994, p. 46)

Se de um lado temos as estratégias, do outro surgem as “táticas”, que são as pequenas artes de fazer de quem não tem o poder oficial. Se a estratégia era a docilização e o comportamento para a produção em massa, a tática das mulheres era a apropriação: elas usavam o curso para ter uma profissão, ocupar novos cargos, ganhar um salário melhor ou casar com parceiros mais confiáveis e assegurar proteção social duradoura, ressignificando o que a instituição de ensino impunha, não se submetendo ao lugar pré-definido na condição de aprendiz ou da profissional têxtil.

MARLENE CONCEIÇÃO KLANN

Iniciou suas atividades profissionais em 01 de julho de 1963, com a idade de 14 anos, no cargo de Aprendiz de Bobinadeira. Após algum tempo passou a ocupar o cargo de Operadora de Bobinadeiras e em novembro de 1983 foi promovida às funções de Encarregada. É casada com o Sr. Guilherme e do seu casamento nasceu 01 filho. (O Município, 1988, p. 11)

Este registro de jornal que homenageia a operária Marlene Conceição Klann, pelos seus 25 anos de trabalho na Indústria Renaux, exemplifica o resultado da operária ideal. Ao destacar o início da carreira aos 14 anos, o texto reforça a eficácia da estratégia institucional em capturar e moldar o sujeito precocemente para as necessidades da produção. Entretanto, a trajetória de Marlene até o cargo de Encarregada não deve ser vista apenas como submissão, mas como o exercício de uma tática: o uso astucioso do conhecimento técnico e do espaço de ensino para garantir a própria ascensão profissional e financeira. Se a elite industrial almejava apenas a produtividade, a trabalhadora soube apropriar-se do saber-fazer oferecido para conseguir um novo lugar na hierarquia fabril. A menção ao seu papel de esposa e mãe sela essa imagem da “nova” mulher: trabalhadora, esposa e mãe, a agregação de uma nova atividade, é a “valorização” pública da tripla jornada de trabalho da mulher, mas que é contabilizada socialmente como ganhos e vantagens nos primeiros anos, tanto em Brusque/SC, quanto no restante do país, para a trabalhadora e não acúmulos e sobrecarga de atividades.

Silenciosas e de cabeça baixa, ou até mesmo na apresentação das atividades em sala de aula, o registro fotográfico capturou tanto as estratégias de controle por parte da indústria, quanto as táticas das aprendizes. Entretanto, é fundamental pontuar que tais táticas, vistas nas imagens e na matéria do jornal, não se manifestaram na sua maioria, nem todas conseguiram ascender profissionalmente ou financeiramente, ou até mesmo seguiram o ofício aprendido. Dessa maneira, a formação profissional no SENAI de Brusque/SC revelou-se como uma ferramenta de estratégias de controle institucional e de táticas das operárias no cotidiano fabril. Se, por um lado, a instituição e a elite industrial buscavam a padronização dos

corpos e a maximização do lucro, por outro, o domínio da técnica permitiu a essas mulheres a apropriação de saberes para a negociação de suas próprias trajetórias. A sala de aula e a fábrica tornaram-se, portanto, espaços de disputa, provando que, entre o clique do cronômetro e o ajuste do fio, as operárias brusquenses não apenas operavam máquinas, mas também tentavam operar as possibilidades de seus próprios destinos.

Conclusão

A educação profissional, no contexto da industrialização têxtil de Brusque/SC, configurou-se como um projeto de gênero profundamente demarcado, transcendendo a mera instrução técnica. Ao englobar o público feminino, a instituição não buscou apenas suprir a demanda por mão de obra qualificada, mas sim forjar um perfil de mulher que harmonizasse a eficiência produtiva com a docilidade social. O aprendizado de um ofício tornou-se um papel dentro da própria identidade feminina, na qual a precisão exigida no manuseio das máquinas e a disciplina fabril eram esperadas como virtudes inerentes à mulher na sociedade da época. Assim, o SENAI atuou como um dispositivo de adequação, convertendo a aprendizagem em um rito de passagem no qual o corpo da trabalhadora era instrumentalizado em prol do progresso econômico e da acumulação de capital da elite industrial.

A análise iconográfica e documental das práticas pedagógicas revela que a formação profissional de mulheres estava intrinsecamente aliada aos preceitos do Taylorismo. Através do olhar vigilante da instrutora e do clique incessante do cronômetro, a instituição buscou transformar o corpo feminino em uma extensão eficiente da engrenagem técnica. O ambiente escolar, seja no chão de fábrica ou nas salas de aula, através dos materiais pedagógicos, não visava apenas o ensino de um ofício, mas a produção sistemática de uma operária ideal, cujos movimentos e tempos eram rigorosamente calculados e padronizados. Contudo, o silêncio das fotografias e o ideário de profissionalismo percebido nos manuais não foram capazes de anular a busca dessas mulheres por construir e encontrar outras saídas. Como demonstrado, o espaço do SENAI de Brusque/SC constituiu-se também como um lugar de táticas. As aprendizes apropriaram-se do saber técnico para negociar suas próprias trajetórias, e, ascender profissionalmente, provando que a estratégia institucional encontrava novos rumos e significados nas mãos das trabalhadoras. A submissão aparente coexistia com a astúcia de quem utiliza as ferramentas do sistema para subverter o destino imposto pela lógica da exploração.

Em última análise, as histórias do SENAI de Brusque/SC convidam a uma reflexão necessária sobre o papel da memória e da cultura material na Educação. Ao compreender que as operárias não eram meros objetos de uma política social e econômica, mas sujeitos que se apropriavam das imposições institucionais para trilhar caminhos próprios, esta análise permite evidenciar as complexidades da História das Mulheres e História da Educação para o trabalho. Nesse contexto, a instituição que oferta o ensino profissional revela-se como ferramenta ambivalente: de controle social para a indústria, e de oportunidades para a classe trabalhadora. O chão da fábrica e a sala de aula permanecem,

assim, como espaços de educação, disputa e produção de operárias, onde a formação se confunde com a própria construção da identidade feminina.

Notas

1. O SENAI é uma instituição de ensino profissionalizante de direito privado, instituída pelo Decreto-Lei nº 4.048, de 22 de janeiro de 1942, que visa a qualificação técnica e a adequação social dos trabalhadores às demandas produtivas do setor industrial.
2. A atuação do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) caracteriza-se por uma estrutura adaptativa, que reconfigura suas unidades operacionais e ofertas formativas em consonância com as demandas tecnológicas e o desenvolvimento regional. Essa organização compreende diferentes níveis, como as Agências de Treinamento, as Escolas, Laboratórios e Faculdades.
3. A ditadura civil-militar (1964–1985) teve como marco inicial o golpe de Estado que depôs o presidente João Goulart. Conforme Fico (2014), o regime caracterizou-se pelo autoritarismo e pela supressão de direitos constitucionais, estruturando um projeto de poder que buscava legitimidade por meio da eficiência administrativa e da modernização institucional do país.
4. A Independência do Brasil, ocorrida em 7 de setembro de 1822, é definida como um processo de ruptura política com Portugal que preservou a unidade territorial e a forma monárquica de governo. Lyra (1995) argumenta que essa transição foi marcada pela construção de uma legitimidade centralizadora, diferenciando o projeto imperial brasileiro das experiências republicanas observadas no restante da América Latina.
5. O Estado Novo (1937–1945) marcou um período de explícito autoritarismo político no Brasil, iniciado por Getúlio Vargas após o golpe de Estado de 10 de novembro de 1937. Segundo Azzi (1980), o regime caracterizou-se pela extinção dos órgãos legislativos, suspensão das liberdades civis e pela vigência de uma Constituição autoritária inspirada no fascismo europeu, sob a qual o Executivo passou a legislar via decretos-leis e a intervir diretamente nos estados.

Referências bibliográficas

- Azzi, R. (1980). A Igreja Católica no Brasil durante o Estado Novo (1937-1945). *Síntese: Revista de Filosofia*, 7(19).
- Brasil. (1942). *Decreto-Lei nº 4.048*. Cria o Serviço Nacional de Aprendizagem dos Industriários (SENAI). Diário Oficial. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del4048.htm
- Burke, P. (2004). *Testemunha ocular: História e imagem*. EDUSC.
- Certeau, M. de. (1994). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Vozes.

- Fico, C. (2014). *O golpe de 1964: Momentos decisivos*. FGV.
- Hering, M. L. R. (1995). *O outro lado da história: O papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950*. Ed. da FURB.
- Kossoy, B. (2001). *Fotografia e história*. Ateliê Editorial.
- Lyra, M. de L. V. (1995). *A utopia do poderoso império: A política externa do Primeiro Reinado*. Sette Letras.
- Moser, A. (1985). *A nova submissão: Mulheres da zona rural no processo de trabalho industrial*. Edipaz.
- O Município. (1988). Indústrias Renaux homenageia funcionários jubilados. *Jornal O Município*.
- Santaella, L. (2012). *Como ler imagens*. Paulus.
- SENAI. (1970). *Manual do fiandeiro de algodão*. Agência do SENAI.
- SENAI de Brusque. (1960-1980). *Acervo Fotográfico do SENAI de Brusque*. SENAI, Brusque, SC, Brasil.
- Souza, R. F. de. (2007). História da cultura material escolar: Um balanço inicial. In M. L. Bencostta (Org.), *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: Itinerários históricos* (pp. 163–189). Cortez.
- Viñao Frago, A. (2008). *Historia de la educación y cultura escolar: Nuevas aportaciones, viejos problemas*. Morata.

Resumen: Este estudio investiga la formación de mujeres para la industria textil, centrándose en las actividades del Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI en Brusque, SC (1957-1999), desde la perspectiva de la Historia de la Formación Profesional Femenina. El objetivo es analizar cómo la instrucción técnica funcionó como un instrumento para disciplinar, moralizar y feminizar a la clase trabajadora, trascendiendo la enseñanza operativa. La fuente primaria utilizada es la colección fotográfica institucional, abordando las imágenes como artefactos culturales cargados de intenciones políticas y sociales. El fundamento teórico se basa en la Historia de la Educación, el análisis visual (Kossoy, Burke, Santaella) y la cultura material escolar (Viñao Frago, Souza), además de la perspectiva de Certeau sobre lugar, espacio, estrategias y tácticas. Los resultados indican que, si bien el SENAI buscaba moldear a la trabajadora ideal bajo el ritmo taylorista, utilizando máquinas y manuales como agentes pedagógicos, las fotografías revelan las apropiaciones por parte de las trabajadoras. Se concluye que el SENAI de Brusque/SC funcionó como un laboratorio de docilidad funcional a los intereses de la élite industrial, consolidando una feminidad obrera específica en la segunda mitad del siglo XX, mientras las mujeres reinterpretaban este aprendizaje en su vida cotidiana.

Palabras clave: Trabajo de mujeres - Formación profesional - Género - Fotografía - Historia de la educación

Abstract: This study investigates the training of women for the textile industry, focusing on the activities of the Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, in Brusque/SC (1957–1999), from the perspective of the History of Women's Vocational Education. The objective is to analyze how technical instruction operated as a device for disciplining, moralizing, and feminizing the working class, transcending operational teaching. The primary source used is the institutional photographic collection, approaching the images as cultural artifacts laden with political and social intentions. The theoretical foundation is based on the History of Education, visual analysis (Kossoy, Burke, Santaella), and school material culture (Viñao Frago, Souza), in addition to Certeau's perspective on place, space, strategies, and tactics. The results indicate that, while SENAI sought to mold the ideal female worker under the Taylorist rhythm, using machines and manuals as pedagogical agents, the photographs reveal the appropriations by the female workers. It is concluded that SENAI in Brusque/SC functioned as a laboratory of functional docility to the interests of the industrial elite, consolidating a specific working-class femininity in the second half of the 20th century, while women reinterpreted this learning in their daily lives.

Keywords: Women's Work - Vocational Education - Gender - Photography - History of Education

[Las traducciones de los abstracts fueron supervisadas por el autor de cada artículo.]

Alex Braga. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com bolsa CAPES. Graduado em Administração pela Faculdade do Vale do Itajaí-Mirim (FAVIM). Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Formação e das Práticas Educativas (NUHFOPE/UFPR). Tem atuado como docente em cursos de formação profissional nas áreas de Gestão e Educação. Publicações acadêmicas e científicas abordando as temáticas de: História da Educação; História da Educação Profissional; História do SENAI. E-mail: alex.braga@gmail.com . ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0007-7626-3447>.

Samara Mendes Araújo Silva. Pós-Doutorado em História (UFPR). Pós-Doutoranda em História (UFSC). Doutora em Educação Brasileira (UFC). Mestre em Educação (UFPI). Especialista em História SócioCultural (UFPI). Graduada em: História (UESPI), Comunicação Social-Jornalismo (UFPI) e Teologia (UFPI). Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Formação Docente, História e Política Educacional - GPFOHPE (UFC). Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Formação e das Práticas Educativas (NUHFOPE/UFPR) e do Laboratório de Estudos de Gênero e História (LEGH/UFSC). Docente da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR. E-mail: samaramendes1977@gmail.com . ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-2340-015X>.